

BUSCA ATIVA E GESTÃO ESCOLAR COMO ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO À EVASÃO NO ENSINO MÉDIO

ACTIVE SEARCH AND SCHOOL MANAGEMENT AS STRATEGIES TO ADDRESS HIGH SCHOOL DROPOUT

BÚSQUEDA ACTIVA Y GESTIÓN ESCOLAR COMO ESTRATEGIA PARA ENFRENTAR LA DESERCIÓN EN LA EDUCACIÓN SECUNDARIA

Neiva da Silva Nunes¹
Rozineide Iraci Pereira da Silva²

RESUMO: A evasão no ensino médio constitui um fenômeno educacional complexo, associado a condições sociais, econômicas, familiares, escolares e institucionais que se acumulam ao longo das trajetórias dos estudantes. Este artigo analisa a busca ativa e a gestão escolar como estratégias de identificação precoce de situações de risco, acompanhamento da frequência e construção de respostas capazes de favorecer a permanência. A discussão foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e documental baseada em estudos científicos, dados oficiais e publicações institucionais. Os resultados indicam que a busca ativa produz melhores condições de acompanhamento quando integrada à rotina da escola, ao uso sistemático de informações e à articulação com a rede de proteção. A gestão escolar, nesse contexto, precisa organizar fluxos de monitoramento, escuta dos estudantes, diálogo com as famílias e encaminhamentos intersetoriais, evitando explicações que atribuam a evasão somente ao comportamento individual do jovem. A análise aponta que o enfrentamento do abandono exige ações preventivas, acompanhamento contínuo e respostas construídas a partir das causas concretas que afetam cada estudante, com atenção especial à transição e permanência no ensino médio.

Palavras-chave: Busca ativa escolar. Evasão escolar. Gestão escolar. Ensino médio. Permanência escolar.

¹ Graduação em pedagogia. (UNIFAP - Universidade federal do Amapá) Pós-graduação: gestão do trabalho pedagógico: gestão escolar, orientação escolar e supervisão escolar (Faculdade ATUAL - Amapá) Mestrando em Ciência da Educação (Christian Business School) Escola de atuação Everaldo da Silva Vasconcelos Júnior.

² PhD, doutora em ciências da educação, mestra em ciência da educação, especialista em escrita avançada, psicopedagoga, pedagoga, Professora e orientadora da Cristian Business School.

ABSTRACT: High school dropout is a complex educational phenomenon associated with social, economic, family, school, and institutional conditions that accumulate throughout students' educational trajectories. This article analyzes active search and school management as strategies for early identification of risk situations, attendance monitoring, and the construction of responses capable of supporting student retention. The discussion was developed through bibliographic and documentary research based on scientific studies, official data, and institutional publications. The findings indicate that active search creates better monitoring conditions when integrated into school routines, systematic use of information, and coordination with the protection network. In this context, school management needs to organize monitoring flows, student listening procedures, dialogue with families, and intersectoral referrals, avoiding explanations that attribute dropout only to individual student behavior. The analysis indicates that addressing school dropout requires preventive actions, continuous monitoring, and responses built from the concrete causes affecting each student, with special attention to transition and retention in high school.

Keywords: Active school search; school dropout; school management; high school; school retention.

RESUMEN: La deserción en la educación secundaria constituye un fenómeno educativo complejo, asociado a condiciones sociales, económicas, familiares, escolares e institucionales que se acumulan a lo largo de las trayectorias de los estudiantes. Este artículo analiza la búsqueda activa y la gestión escolar como estrategias para la identificación temprana de situaciones de riesgo, el seguimiento de la asistencia y la construcción de respuestas capaces de favorecer la permanencia escolar. La discusión se desarrolló mediante una investigación bibliográfica y documental basada en estudios científicos, datos oficiales y publicaciones institucionales. Los resultados indican que la búsqueda activa genera mejores condiciones de seguimiento cuando se integra en la rutina escolar, en el uso sistemático de la información y en la articulación con la red de protección. La gestión escolar, en este contexto, debe organizar los procedimientos de seguimiento, la escucha de los estudiantes, el diálogo con las familias y las derivaciones intersectoriales, evitando explicaciones que atribuyan la deserción únicamente al comportamiento individual del joven. El análisis señala que enfrentar el abandono escolar exige acciones preventivas, seguimiento continuo y respuestas construidas a partir de las causas

concretas que afectan a cada estudiante, con especial atención a la transición y a la permanencia en la educación secundaria.

Palabras clave: Búsqueda activa escolar. Deserción escolar. Gestión escolar. Educación secundaria. Permanencia escolar.

1 INTRODUÇÃO

A permanência dos adolescentes no ensino médio não pode ser compreendida apenas a partir do ato final de deixar a escola. A evasão costuma ser precedida por faltas recorrentes, dificuldades de aprendizagem, reprovações, distorção entre idade e série, mudanças na rotina familiar, necessidade de trabalho e perda gradual de vínculo com as atividades escolares. Essa trajetória mostra que o abandono tende a ser produzido por um conjunto de experiências acumuladas, o que exige da escola capacidade para reconhecer sinais anteriores à ruptura da matrícula (Dore, 2011).

Os dados educacionais brasileiros reforçam a necessidade de acompanhamento contínuo da trajetória estudantil. O Censo Escolar reúne informações sobre matrículas, rendimento e fluxo que permitem à gestão reconhecer grupos mais expostos à interrupção dos estudos e orientar medidas de permanência (Inep, 2025).

Entre adolescentes e jovens, a interrupção dos estudos aparece associada a razões que ultrapassam a sala de aula. A prevenção exige, portanto, observar a experiência do jovem de forma ampla, relacionando frequência, aprendizagem, vínculos e condições sociais (Unicef, 2022a).

No interior da escola, as respostas à evasão dependem da forma como a gestão organiza o acompanhamento da frequência, a comunicação com professores, a escuta dos estudantes e o contato com as famílias. Estudos desenvolvidos no ensino médio mostram que gestores, docentes e alunos nem sempre interpretam da mesma maneira as razões do afastamento, o que pode dificultar a construção de medidas adequadas quando prevalecem explicações genéricas ou centradas somente na responsabilidade individual do estudante (Carvalho, 2022).

A busca ativa escolar constitui uma estratégia de identificação e acompanhamento de crianças e adolescentes fora da escola ou em risco de abandono. Ela envolve localizar o estudante, compreender as causas das ausências e definir encaminhamentos com a rede de proteção quando necessário (Unicef, 2022b).

A discussão proposta neste artigo parte do entendimento de que a busca ativa e a gestão escolar podem atuar de maneira articulada na prevenção da evasão do ensino médio. O objetivo é analisar como o acompanhamento de sinais de risco, a organização dos processos de gestão e a articulação intersetorial podem ampliar as condições de permanência dos estudantes. A pesquisa é bibliográfica e documental, fundamentada em estudos científicos e publicações institucionais que abordam evasão, fracasso escolar, trajetórias juvenis, busca ativa e gestão da permanência (Dias, 2021).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Evasão no ensino médio: características e fatores associados

A evasão escolar resulta da interação entre condições individuais, familiares, sociais e escolares. No ensino médio, essa combinação ganha maior complexidade porque coincide com uma fase em que muitos jovens passam a assumir responsabilidades relacionadas ao trabalho, à renda familiar, ao cuidado de parentes e à definição de projetos pessoais. Ao mesmo tempo, permanecem submetidos às exigências curriculares, às avaliações e às expectativas de conclusão da educação básica. Quando o estudante já traz um percurso marcado por reprovações, retenções ou dificuldades persistentes de aprendizagem, essas pressões podem se somar e enfraquecer sua expectativa de continuidade. A compreensão da evasão exige, por isso, observar a trajetória e não apenas o momento em que a matrícula é interrompida. Esse olhar permite reconhecer que o afastamento costuma ser antecedido por sinais progressivos de desengajamento e por experiências escolares que se acumulam ao longo do tempo (Rodrigues, 2022).

4

Estudos sobre fracasso escolar no ensino médio apontam que trabalho, responsabilidades familiares, falta de recursos para transporte, violência, desinteresse pelas aulas, dificuldades com professores, uso de drogas, experiências de bullying e reprovações anteriores podem aparecer de forma combinada. A diversidade desses fatores impede que a evasão seja tratada por uma explicação única e mostra que a resposta institucional precisa começar pela identificação da situação específica vivida por cada estudante (Franceschini, 2017).

A trajetória escolar acidentada pode envolver saídas e retornos sucessivos, sobretudo entre jovens que estudam à noite e conciliam escola com trabalho. Nessas condições, a interrupção dos estudos não representa necessariamente uma recusa definitiva da educação, mas

pode expressar uma tentativa de compatibilizar exigências econômicas, familiares e escolares que se tornam difíceis de sustentar ao mesmo tempo. A compreensão dessa dinâmica ajuda a evitar julgamentos que classificam o aluno apenas como desinteressado (Marun, 2008).

A repetência pode ampliar o risco de evasão porque prolonga a trajetória escolar e aumenta a diferença entre idade e série. Percursos marcados por retenções atingem os estudantes de maneira desigual e precisam ser observados pela gestão antes que as dificuldades acumuladas resultem em afastamento (Bonamino, 2024).

A exclusão escolar se distribui de forma desigual e atinge com maior intensidade grupos expostos a vulnerabilidades sociais. A leitura dos dados nacionais demonstra que renda, território, raça, condições de acesso a serviços e impactos de crises econômicas ou sanitárias influenciam a capacidade de frequentar e permanecer na escola. Essa perspectiva desloca a análise da ideia de escolha individual isolada para um quadro em que a evasão expressa barreiras acumuladas no exercício do direito à educação (Unicef, 2021).

A compreensão da evasão como processo permite reconhecer que a prevenção precisa começar antes do afastamento definitivo. Quando a escola acompanha as trajetórias ao longo do período letivo, torna-se possível observar combinações de sinais como ausência frequente, baixo desempenho, sucessivas recuperações e menor participação nas atividades. Esses indícios não produzem automaticamente a evasão, mas podem indicar que o vínculo com a escolarização está enfraquecido. O acompanhamento sistemático favorece intervenções mais próximas do momento em que as dificuldades aparecem, evitando que a resposta institucional ocorra somente após o estudante já ter deixado de frequentar as aulas. Essa perspectiva amplia a capacidade preventiva da gestão, porque converte os registros escolares em informação para decisões pedagógicas e de acompanhamento individual (Dore; Lüscher, 2011).

As razões apresentadas pelos jovens para interromper os estudos mostram que a permanência escolar depende de condições que se modificam ao longo do tempo. A necessidade de trabalhar, as dificuldades de aprendizagem, os problemas familiares e a perda de interesse podem surgir de forma combinada e alterar a relação do estudante com a escola. Por isso, uma mesma estratégia não responde adequadamente a todos os casos. O diagnóstico da situação precisa considerar a experiência concreta do jovem e evitar explicações únicas para trajetórias que são construídas sob condições distintas. Quando a escola reconhece essas diferenças,

consegue planejar respostas mais proporcionais às necessidades observadas e reduzir intervenções baseadas somente em advertências ou cobranças de frequência (Unicef; Ipec, 2022).

A análise do fluxo escolar permite perceber que a permanência não depende exclusivamente da matrícula formal. Estar matriculado não significa, necessariamente, participar de maneira contínua das atividades escolares ou avançar sem interrupções. Situações de retenção, defasagem entre idade e série e sucessivas faltas podem coexistir durante meses antes que o abandono seja registrado. A observação desses elementos auxilia a escola a diferenciar dificuldades pontuais de processos mais persistentes de desengajamento. Esse cuidado é importante no ensino médio, etapa em que os estudantes podem acumular experiências de fracasso anteriores e chegar à escola com expectativas reduzidas quanto à continuidade dos estudos. O acompanhamento precisa considerar, portanto, a trajetória e não apenas o resultado final do ano letivo (Bonamino; Muylaert; Nierotka, 2024).

Essa organização favorece decisões mais consistentes e amplia as condições de acompanhamento contínuo durante o ano letivo (Carvalho; Castanho, 2022).

2.2 Busca ativa escolar como estratégia de prevenção e reinserção

A busca ativa escolar organiza procedimentos para localizar estudantes ausentes ou em risco de abandono. O fluxo envolve identificação, registro, investigação das causas e acompanhamento do retorno, permitindo que a ausência prolongada seja tratada como um sinal de alerta antes do desligamento (Unicef, 2022b).

A efetividade da busca ativa depende da capacidade de transformar informação em acompanhamento. O registro de faltas, mudanças bruscas de rendimento, afastamentos repetidos e dificuldades comunicadas por professores ou familiares precisa ser analisado com rapidez. Quando esses sinais permanecem dispersos entre diário de classe, coordenação, secretaria e equipe pedagógica, a intervenção tende a ocorrer tarde. A organização de rotinas compartilhadas permite reconhecer padrões e definir responsáveis pelo contato e pelo acompanhamento (Carvalho, 2022).

A experiência acumulada pela Busca Ativa Escolar demonstra que localizar o estudante corresponde apenas a uma das etapas do processo. O retorno à escola pode ocorrer sem que as barreiras responsáveis pelo afastamento tenham sido efetivamente enfrentadas. Nesses casos, a rematrícula, sozinha, não garante permanência. A continuidade dos estudos pode depender do

acesso a benefícios sociais, atendimento em saúde, proteção contra situações de violência, transporte, apoio pedagógico, reorganização de horários ou mediação de conflitos dentro da própria escola. A equipe gestora precisa acompanhar o estudante após o retorno e verificar se as condições que ameaçavam sua frequência foram reduzidas. Esse acompanhamento permite perceber novas ausências com rapidez e avaliar se os encaminhamentos realizados produziram resultados. A busca ativa ganha maior consistência quando deixa de ser entendida como ação pontual e passa a integrar um processo contínuo de proteção da trajetória escolar (Unicef, 2025).

A busca ativa possui uma dimensão preventiva quando é aplicada antes da evasão formal. Faltas consecutivas, atrasos frequentes, queda de participação e sinais de desengajamento podem acionar procedimentos de escuta e contato com a família. A intervenção precoce reduz a distância entre o surgimento do problema e a resposta da escola, criando oportunidade para compreender dificuldades ainda manejáveis e construir medidas proporcionais ao risco observado (Carvalho, 2022).

A aproximação entre escola, estudante e família precisa ocorrer de modo acolhedor. Contatos baseados exclusivamente em cobrança podem aprofundar o afastamento quando o jovem já vivencia dificuldades econômicas, emocionais ou familiares. A escuta das razões da ausência permite que a gestão diferencie situações de trabalho, cuidado de familiares, violência, adoecimento, conflito escolar ou baixa compreensão dos conteúdos, ajustando a resposta a cada circunstância (Dias, 2021).

A busca ativa precisa estar integrada ao cotidiano da escola para não se restringir a ações esporádicas realizadas em períodos de matrícula ou após longas ausências. Um sistema de acompanhamento pode estabelecer momentos regulares de verificação da frequência, critérios para identificação de casos e procedimentos para registrar cada contato efetuado. Essa organização não exige que todas as situações sejam conduzidas pela direção. Professores, coordenação pedagógica, secretaria e demais profissionais podem compartilhar responsabilidades, desde que os fluxos estejam definidos e que haja comunicação entre os envolvidos. A institucionalização dessa rotina reduz a dependência de iniciativas individuais e permite que o acompanhamento continue mesmo quando há mudanças de profissionais na unidade escolar (Unicef, 2025).

A aproximação com os responsáveis precisa reconhecer que as famílias apresentam diferentes condições de tempo, acesso aos meios de comunicação e possibilidade de

comparecimento presencial, razão pela qual os canais de contato devem ser diversificados (Unicef; Undime, 2022).

A reinserção do estudante exige atenção ao momento do retorno. Depois de um período de afastamento, o jovem pode encontrar conteúdos acumulados, avaliações pendentes e dificuldade para restabelecer vínculos com a turma. Se a escola apenas restabelecer a matrícula ou a presença, sem organizar apoio para a retomada, as causas acadêmicas do afastamento podem permanecer. Estratégias de recuperação, orientação de estudos e acompanhamento mais próximo nas primeiras semanas podem contribuir para reconstruir a continuidade da trajetória. Essa etapa precisa ser planejada como parte da busca ativa, pois localizar o estudante e convencê-lo a retornar não encerra o processo. A permanência após o retorno é o indicador que permite avaliar se as ações adotadas produziram mudanças efetivas na experiência escolar (Unicef, 2025).

O registro dos casos de ausência pode funcionar como instrumento de memória institucional. Quando a escola anota datas de contato, razões relatadas, encaminhamentos realizados e resultados observados, torna-se possível acompanhar a evolução de cada situação e avaliar quais respostas tiveram maior capacidade de favorecer a permanência. Esses registros podem subsidiar reuniões de equipe, orientar prioridades e evitar que as famílias precisem repetir várias vezes as mesmas informações para profissionais diferentes. Além disso, o conjunto de casos permite identificar padrões, como períodos do ano com maior incidência de faltas ou grupos mais expostos a dificuldades específicas. A sistematização dos dados fortalece a capacidade da gestão de planejar ações preventivas com base na realidade da própria escola (Inep, 2025).

A atuação preventiva ganha consistência quando a escola define indicadores simples e compreensíveis para toda a equipe. Faltas consecutivas, queda repentina de rendimento, abandono de atividades, atrasos frequentes e mudanças acentuadas de comportamento podem ser tratados como sinais que exigem verificação (Dias; Bossi, 2021).

2.3 Gestão escolar, monitoramento da frequência e construção de vínculos

A gestão escolar contribui para a prevenção da evasão ao organizar registros, definir responsabilidades e acompanhar os casos identificados. Reuniões entre direção, coordenação e

professores ajudam a reunir informações que, isoladamente, poderiam parecer pouco significativas (Carvalho, 2022).

O acompanhamento da frequência precisa ser associado à análise do rendimento e da participação. Um estudante pode comparecer à escola e, ainda assim, apresentar sinais de afastamento progressivo, como silêncio constante, recusa em realizar atividades, conflitos recorrentes ou percepção de que não consegue acompanhar a turma. A gestão que trabalha apenas com o número de faltas corre o risco de perceber a ruptura quando ela já está avançada (Rodrigues, 2022).

A literatura sobre ensino médio registra que a experiência escolar é influenciada pela percepção de sentido das aulas, pela qualidade das relações e pelas expectativas construídas por professores e estudantes. Quando o jovem percebe a escola como pouco conectada às suas necessidades, às perspectivas de futuro ou à realidade vivida, a motivação para permanecer pode diminuir, sobretudo quando existem pressões externas relacionadas ao trabalho e à renda (Franceschini, 2017).

A escuta estudantil fornece informações que os indicadores administrativos nem sempre conseguem revelar. Conversas individuais, espaços de representação, assembleias, questionários e acompanhamento pedagógico podem evidenciar dificuldades de aprendizagem, conflitos, situações de discriminação, inseguranças e expectativas em relação ao futuro. Esses dados ajudam a gestão a compreender por que determinados estudantes reduzem a participação ou começam a faltar com maior frequência. A escuta precisa produzir consequências concretas, como revisão de práticas, organização de apoio pedagógico, mediação de conflitos e encaminhamentos para serviços quando a situação ultrapassa a competência da escola. Quando o estudante percebe que sua fala é considerada na definição das medidas de acompanhamento, a relação com a instituição pode ganhar maior confiança. Esse processo contribui para que sinais de afastamento sejam interpretados a partir da experiência efetivamente vivida pelo jovem, e não apenas por suposições construídas pelos adultos (Carvalho, 2022).

A repetência e a distorção entre idade e série exigem acompanhamento específico, pois podem sinalizar trajetórias marcadas por interrupções ou dificuldades acumuladas. Estudos recentes com trajetórias de estudantes do ensino médio mostram que a análise longitudinal permite compreender melhor a sequência de retenções e progressões do que uma leitura restrita

ao resultado de um único ano. Essa lógica pode ser incorporada pela escola ao acompanhar historicamente os estudantes com maior risco de abandono (Bonamino, 2024).

A gestão escolar precisa evitar que o fracasso seja atribuído automaticamente ao aluno ou à família. A individualização do problema reduz as possibilidades de intervenção, pois deixa de considerar condições de oferta, práticas escolares e fatores sociais que interferem na permanência (Dias, 2021).

A gestão escolar assume função de coordenação quando transforma informações dispersas em ações articuladas. Professores costumam perceber mudanças no rendimento e na participação, a secretaria acompanha movimentações de matrícula e frequência, enquanto a coordenação pedagógica reúne informações sobre aprendizagem e convivência. Se esses dados permanecem separados, sinais importantes podem ser identificados tarde. Reuniões periódicas voltadas ao acompanhamento de estudantes com risco de afastamento ajudam a construir uma visão mais completa das trajetórias. Essa prática permite definir quem fará o contato inicial, quais informações precisam ser confirmadas e que tipo de apoio pode ser oferecido. A organização interna, portanto, influencia diretamente a rapidez e a qualidade das respostas construídas pela escola (Carvalho; Castanho, 2022).

A frequência deve ser analisada de forma acumulada e não apenas em episódios isolados. Um estudante pode faltar em dias alternados e, por isso, não chamar atenção de imediato, embora ao final de algumas semanas tenha perdido uma parcela significativa das aulas. A observação de padrões ajuda a reconhecer situações que não aparecem quando se considera somente a falta consecutiva. Esse acompanhamento é especialmente importante no ensino médio noturno, em que trabalho, deslocamento e responsabilidades familiares podem produzir ausências recorrentes sem desligamento formal. A leitura continuada dos registros permite identificar alterações na trajetória e organizar abordagens antes que o afastamento se torne prolongado (Marun, 2008).

As decisões pedagógicas podem contribuir para permanência quando consideram as dificuldades acumuladas pelos estudantes. A reprovação sucessiva e a distorção entre idade e série podem produzir sentimento de inadequação e diminuir a expectativa de conclusão do ensino médio. Nesses casos, o acompanhamento precisa articular avaliação da aprendizagem, recuperação e orientação individual, evitando que o baixo desempenho seja tratado apenas como falta de esforço. A gestão pode estimular práticas de acompanhamento por componente

curricular, identificar conteúdos em que as dificuldades se repetem e organizar apoio em diálogo com os professores. Medidas dessa natureza não eliminam os fatores sociais associados à evasão, mas atuam sobre barreiras produzidas dentro da própria experiência escolar (Bonamino; Muylaert; Nierotka, 2024).

A construção de vínculo depende da forma como o estudante percebe sua presença na escola. Relações marcadas por respeito, possibilidade de expressão e reconhecimento das dificuldades favorecem a procura por ajuda antes que o afastamento ocorra. Em contraste, experiências reiteradas de fracasso, punição ou indiferença podem fazer com que o jovem deixe de considerar a escola como espaço de apoio. A gestão não controla todas as relações cotidianas, mas pode estabelecer orientações, criar espaços de escuta e acompanhar situações de conflito. O clima institucional passa, assim, a integrar as políticas de permanência, pois a decisão de continuar os estudos é influenciada pela qualidade da experiência vivida e pelas expectativas que o estudante constrói em relação à escola (Franceschini; Miranda-Ribeiro; Gomes, 2017).

O protagonismo estudantil pode contribuir para identificar barreiras que os adultos da escola não percebem com facilidade. Grêmios, representantes de turma, rodas de conversa e consultas periódicas oferecem informações sobre horários, sobrecarga de atividades, dificuldades de transporte, conflitos e percepções sobre o processo de ensino. A participação não deve ser usada apenas para validar decisões já tomadas. Quando os estudantes percebem que suas manifestações produzem encaminhamentos, aumenta a possibilidade de cooperação com ações de permanência. A escuta coletiva ainda permite reconhecer problemas que afetam grupos inteiros, evitando que cada situação seja interpretada como dificuldade estritamente individual. Essa dimensão amplia a compreensão institucional sobre as causas do afastamento (Rodrigues; Martins, 2022).

2.4 Articulação intersetorial e ações para permanência no ensino médio

A evasão escolar pode estar associada a situações que a escola não consegue resolver isoladamente. Falta de renda, insegurança alimentar, violência doméstica, problemas de saúde, necessidade de cuidado de familiares e violações de direitos demandam atuação conjunta com assistência social, saúde, conselho tutelar e demais serviços. A articulação intersetorial permite que a busca ativa seja acompanhada de respostas concretas às causas que impedem a frequência (Unicef, 2022b).

O trabalho em rede exige fluxos definidos e responsabilidades conhecidas. Encaminhar um estudante para determinado serviço não encerra o acompanhamento, pois a escola precisa verificar se o atendimento ocorreu e se produziu condições para sua permanência, respeitando a proteção dos dados pessoais (Unicef, 2025).

A análise dos dados do Censo Escolar pode apoiar o planejamento de ações mais amplas pelas redes de ensino. Taxas de abandono, reprovação, distorção entre idade e série e distribuição das matrículas ajudam a localizar escolas, séries e grupos que demandam maior atenção. Quando esses indicadores são combinados com informações produzidas pela própria escola, a gestão consegue diferenciar problemas estruturais de situações individuais e direcionar recursos de maneira mais adequada (Inep, 2025).

A permanência no ensino médio requer medidas acadêmicas e sociais que respondam às dificuldades apresentadas ao longo da trajetória. Recuperação de aprendizagens, acompanhamento individual, orientação de estudos e adequação das estratégias pedagógicas podem reduzir o sentimento de incapacidade associado a experiências repetidas de fracasso. Para muitos estudantes, a dificuldade não está apenas em frequentar as aulas, mas em acompanhar conteúdos acumulados depois de faltas, reprovações ou períodos de afastamento. Quando a escola oferece apoio sem transformar a dificuldade em motivo de estigmatização, aumenta a possibilidade de reconstrução do vínculo com as atividades escolares. A relação com professores e equipe pedagógica precisa comunicar ao jovem que os obstáculos de aprendizagem podem ser enfrentados e que a interrupção dos estudos não representa a única resposta possível. Esse acompanhamento acadêmico deve integrar as ações de prevenção da evasão, pois frequência sem aprendizagem pode manter o estudante formalmente matriculado e, ao mesmo tempo, progressivamente distante da escola (Dore, 2011).

A participação da família precisa considerar as condições reais de cada núcleo familiar. Formas diversificadas de contato podem favorecer respostas mais rápidas diante de ausências, sobretudo quando os responsáveis enfrentam jornadas extensas de trabalho ou dificuldades de deslocamento (Marun, 2008).

A consolidação de uma cultura de permanência exige que a busca ativa deixe de funcionar apenas como resposta emergencial. A avaliação nacional da estratégia mostra que os melhores resultados dependem de institucionalização, formação das equipes, continuidade dos registros e articulação entre setores. No ensino médio, essa orientação pode ser aplicada pela

criação de protocolos escolares de alerta, acompanhamento e retorno, conectados às políticas da rede e aos serviços do território (Unicef, 2025).

A articulação intersetorial torna-se necessária quando as causas do afastamento ultrapassam a capacidade direta da escola. Situações de pobreza, insegurança alimentar, violência, problemas de saúde ou necessidade de proteção social exigem comunicação com serviços que possuem atribuições específicas. A escola precisa conhecer os equipamentos existentes no território, os canais de contato e os procedimentos para encaminhamento. Essa rede não substitui a ação pedagógica. Ela complementa a resposta ao estudante quando existem barreiras externas que interferem na frequência e na aprendizagem. Quanto mais claros forem os fluxos, menor a chance de o caso ficar sem acompanhamento entre instituições que possuem responsabilidades distintas (Unicef; Undime, 2022).

A proteção da trajetória escolar depende de acompanhamento após o encaminhamento. O envio de uma família a um serviço não garante que a demanda tenha sido atendida ou que as condições responsáveis pelas ausências tenham sido modificadas. A escola precisa manter contato, registrar retornos e observar se houve mudança na frequência e na participação do estudante. Essa continuidade evita que a busca ativa seja reduzida a uma sequência de encaminhamentos administrativos. O acompanhamento permite avaliar a efetividade das ações e produzir novas respostas quando a primeira medida não foi suficiente. A permanência escolar é construída por sucessivas decisões e precisa ser observada ao longo do tempo, principalmente nos casos em que as vulnerabilidades são persistentes (Unicef, 2025).

13

Os indicadores produzidos pelas redes de ensino podem orientar prioridades de ação. Taxas de abandono, reprovação e distorção entre idade e série, quando analisadas por escola, etapa e território, ajudam a reconhecer onde os riscos estão mais concentrados. Esses dados não explicam isoladamente as causas, mas orientam investigações e permitem distribuir esforços de acompanhamento de forma mais coerente. A gestão escolar pode comparar os registros institucionais com tendências mais amplas da rede e verificar se determinados padrões se repetem ao longo dos anos. O uso desses indicadores favorece planejamento baseado em evidências e permite acompanhar se as medidas adotadas modificam os resultados de permanência (Inep, 2025).

A permanência no ensino médio exige combinar respostas pedagógicas e sociais. Apoio à aprendizagem, reorganização de rotinas, comunicação com a família, acesso a serviços

públicos e escuta do estudante precisam compor um conjunto articulado. A simples identificação da ausência não produz mudança quando as condições responsáveis pelo afastamento permanecem. A abordagem integrada amplia a possibilidade de respostas adequadas a diferentes trajetórias, sem reduzir o problema a uma única causa. Esse entendimento é especialmente importante em contextos de desigualdade, nos quais estudantes podem enfrentar simultaneamente dificuldades econômicas, defasagem escolar e fragilidade de vínculos com a instituição (Unicef; Cenpec Educação, 2021).

A continuidade das ações depende de planejamento para além de campanhas pontuais. Quando a busca ativa integra os documentos de gestão, os calendários de acompanhamento e as reuniões pedagógicas, torna-se parte da rotina institucional. A definição de responsabilidades evita que casos permaneçam sem acompanhamento por falta de clareza sobre quem deveria agir. A avaliação periódica permite revisar procedimentos, verificar resultados e ajustar critérios de identificação. Essa institucionalização contribui para que o trabalho permaneça ativo durante todo o ano e não seja acionado apenas diante de situações já consolidadas de evasão (Unicef, 2025).

A participação das famílias pode ser fortalecida por formas de comunicação compatíveis com diferentes realidades. Reuniões presenciais são importantes, mas nem todos os responsáveis conseguem comparecer em horários escolares. Mensagens, ligações e atendimentos agendados podem ampliar a possibilidade de diálogo. A gestão precisa observar, porém, que o contato deve preservar o respeito e evitar exposição do estudante. A comunicação ganha qualidade quando apresenta informações objetivas, permite que a família relate suas dificuldades e define encaminhamentos compreensíveis. Essa relação cooperativa pode favorecer respostas mais rápidas diante das primeiras ausências e contribuir para reconstruir o vínculo quando o afastamento já ocorreu (Unicef; Undime, 2022).

A transição entre identificação do risco e intervenção precisa ser rápida, pois ausências prolongadas tendem a aumentar as dificuldades de retorno (Unicef, 2025).

Ao acompanhar resultados durante o ano, a gestão transforma a busca ativa em processo de aprendizagem institucional e fortalece sua capacidade de planejar intervenções futuras com base na experiência acumulada (Unicef; Undime, 2022).

3 CONCLUSÃO

A análise desenvolvida demonstra que a evasão no ensino médio não corresponde a um acontecimento isolado, mas ao resultado de trajetórias marcadas por obstáculos que podem ser percebidos antes do desligamento escolar. Faltas recorrentes, reprovações, distorção entre idade e série, dificuldades de aprendizagem e mudanças nas condições de vida formam um conjunto de sinais que precisa ser acompanhado de maneira integrada.

Quando cada ocorrência é analisada separadamente, a escola pode deixar de reconhecer a progressão do afastamento. A observação histórica da trajetória permite identificar combinações de fatores que aumentam o risco de ruptura e orientar intervenções antes que a frequência seja interrompida por períodos prolongados. Esse acompanhamento exige registros consistentes, comunicação entre os profissionais e atenção às mudanças no comportamento e no rendimento. A prevenção ganha maior efetividade quando a escola consegue transformar informações dispersas em uma leitura conjunta do percurso estudantil.

A busca ativa escolar oferece uma metodologia preventiva baseada em identificação, registro, investigação das causas, encaminhamento e acompanhamento. Sua contribuição aumenta quando integra a rotina de gestão e quando a rematrícula não é tratada como encerramento do caso.

A gestão escolar aparece como elemento de coordenação dessas ações porque organiza informações, mobiliza professores e equipe pedagógica, estabelece contato com estudantes e famílias e articula serviços externos. A qualidade dessa atuação depende de processos claros, uso de dados e escuta das pessoas envolvidas. Explicações centradas somente na falta de interesse do jovem tendem a limitar a intervenção e a ocultar fatores escolares, sociais e econômicos que podem ser enfrentados por políticas e práticas institucionais.

No ensino médio, enfrentar a evasão requer combinar acompanhamento individual com decisões coletivas da escola e da rede. A análise dos indicadores educacionais, a identificação precoce de riscos, o apoio às aprendizagens, a flexibilização das formas de contato com famílias e a articulação intersetorial formam um conjunto de medidas capazes de sustentar trajetórias escolares mais contínuas. A permanência deixa, assim, de ser tratada como responsabilidade exclusiva do estudante e passa a orientar a organização do trabalho escolar e das políticas de proteção ao direito à educação.

REFERÊNCIAS

- BONAMINO, Alicia; MUYLELAERT, Naira; NIEROTKA, Rosileia Lucia. Trajetórias escolares de estudantes do Ensino médio do Colégio Pedro II: um estudo exploratório sobre repetência. **Pro-Posições**, Campinas, v. 35, e2024co802BR, 2024.
- CARVALHO, Helene Santos; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. A evasão escolar no ensino médio: análise de uma realidade. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2022.
- DIAS, Maikelle Roloff; BOSSI, Tatiele Jacques. Fatores associados ao fracasso escolar no ensino médio: análise de teses/dissertações. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 13, n. 1, 2021.
- DORE, Rosemary; LÜSCHER, Ana Zuleima. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 770-789, 2011.
- FRANCESCHINI, Vanessa Lima Caldeira; MIRANDA-RIBEIRO, Paula; GOMES, Marília Miranda Fortes. Porta de entrada ou porta de saída? Fracasso escolar no ensino médio segundo estudantes e coordenadores(as) de escolas em Ribeirão das Neves, MG. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, e164208, 2017.
- INEP. **Censo Escolar da Educação Básica 2024**: resumo técnico. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2025.
- MARUN, Dulcinéa Janúncio. **Evasão escolar no ensino médio**: um estudo sobre trajetórias escolares acidentadas. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- RODRIGUES, Rodinéia Rekssua; MARTINS, Suely Aparecida. Abandono, evasão e fracasso escolar na 1.^a série do ensino médio no município de Pato Branco, Paraná. **Revista Prática Docente**, Confresa, v. 7, n. 1, e025, 2022.
- UNICEF; CENPEC EDUCAÇÃO. **Cenário da exclusão escolar no Brasil**: um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na educação. Brasília, DF: UNICEF, 2021.
- UNICEF; IPEC. **Educação brasileira em 2022**: a voz de adolescentes. Brasília, DF: UNICEF, 2022.
- UNICEF; UNDIME. **Busca Ativa Escolar e o trabalho em rede**. Brasília, DF: UNICEF, 2022.
- UNICEF. **Avaliação consolidada Busca Ativa Escolar**: relatório final. Brasília, DF: UNICEF, 2025.